

ARTE, CULTURA E TRADIÇÃO EM VILA NOVA DE FOZ-COA¹

João Paulo Lucas Donas Botto Sousa²

Abstract: Travelling through Foz-Coa is to travel through two World Heritage Sites, is to go through the tracks of memory and contemplate the beautiful forms of nature, history and Paleolithic art. More than a platitude or *cliché*, the fight and the epic clashes of the past with the present make these people resistant, genuine heroes and builders of dreams and hope. The missed opportunities quickly become captive eyes, and the landscapes of rugged slopes of the Douro and Coa, with its vineyards, were only, in the past, opened windows to imagination and creativity. If the Coa Museum tells a story with an unusual immaterial wealth and terraces of Douro breathe an ancient unique civilization, then we can leverage sustainable tourism idealizing a combination of these two factors.

Keywords: heritage of Humanity; Coa Museum; Paleolithic art; slopes of the Douro vineyards; sustainable tourism

Resumo: Viajar por Foz-Coa é viajar por dois Patrimónios da Humanidade, é percorrer os trilhos da memória e contemplar as formas deslumbrantes da natureza, da história e da arte paleolítica. Mais que um lugar-comum, a luta e os confrontos épicos do passado com o presente fazem estas gentes resistentes, heróis e autênticos construtores de sonhos e de esperança. As oportunidades perdidas rapidamente se transformam em olhares cativos, e as paisagens das rudes encostas do Douro e do Coa, com os seus vinhedos, mais não foram, no passado, do que janelas abertas à imaginação e à criatividade. Se o Museu do Coa narra uma história com uma riqueza imaterial invulgar e os socalcos do Douro respiram uma civilização ancestral ímpar, então, podemos alavancar um caminho turístico sustentável idealizando a conjugação destes dois fatores.

Palavras-chave: arte paleolítica; Museu do Coa; patrimónios da Humanidade; turismo sustentável; vinhedos das encostas do Douro

Ditosa Foz-Coa

*Celestiais cantinhos como este
Tornaram Céu o penhascoso inferno:
Fraternidade no convívio terno;
Musgos e líquenes de que a rocha veste;*

*De jeito igual, no “inferno” da Canada
Como também noutros locais variados,
Cada jeitosa rocha está gravada!*

*As gravuras pintadas em um teste
Que a mãe natura recebeu do eterno
Ervas buscando o seu seio materno...
E a confirmar, cá está, o azul-celeste.*

*Ditosa o val, ditosos os canados,
Ditosa esta Foz-Coa, bem fadada,
Por ter do Céu assim tantos bocados!*

Hamilton Tavares
(Tavares, 2000: 25)

Arte, cultura e tradição

Dentro de um contexto sócio – económico

Dentro de um contexto sócio-económico medíocre, e cientes de uma ruralidade desfavorável, permanecemos orgulhosamente sós. O envelhecimento da população, a atração urbana e a perda de peso social e económico faz do concelho de Vila Nova de Foz - Coa uma “terra do nunca”, uma região em que constantemente se evidenciam confrontos épicos do passado com o presente.

O ciclo político que atravessamos mostra-se cheio de incertezas, a crise financeira global associada ao défice público português torna o vazio cultural cada vez mais vazio e os sinais que nos chegam são reveladores de uma pobreza cada vez mais pobre. As referências comportamentais e as atuações éticas - políticas, quer daqueles que nos (des)governam, quer daqueles que nos servem de guias espirituais, manifestam-se cada vez mais incautas e sem sentido.

O interior deste nosso país assimétrico conta com as gentes “vulgares”, aquelas que, oficialmente, são denominadas de “pobres”, aquelas que vivem numa espécie de limbo: não as reconhecemos como pobres, mas não têm o suficiente para viver bem. Este é o nosso interior, este é o sítio onde se desfazem sonhos, mas é o local onde ainda se tem tempo e a natureza possibilita “cozinhar” a racionalização das emoções para se poder sonhar.

Situada no extremo norte do distrito da Guarda, Vila Nova de Foz-Coa sobrevive ao isolamento com uma atividade essencialmente agrícola. Faz parte da Região Demarcada do Douro, produzem-se cerca de vinte mil pipas/ano de vinho, produz-se azeite refinado de excelente qualidade e reclama ser a capital da amendoeira em flor e de dois patrimónios mundiais: O Alto Douro vinhateiro, como uma zona particularmente representativa da paisagem que caracteriza a vasta região demarcada do Douro, a mais antiga região vitícola regulamentada do mundo, e o sítio de arte rupestre pré-histórica do Vale do Coa, com a excepcional concentração de gravuras e pinturas rupestres do Paleolítico superior (de 22000 a 10000 anos a C.).

Foz-Coa é um lugar-comum, mas é também um sítio gerador de património artístico-cultural intenso, com castros, pelourinhos, igrejas, pontes e estradas romanas, capelas e casas senhoriais.

Emblematicamente, as gravuras do Vale do Coa e as paisagens do Alto Douro Vinhateiro são, num só território, um caso único, aquilo que nos permite dizer com orgulho: *FOZ-COA, um concelho, dois patrimónios mundiais*. Esta nossa capital da “Amendoeira em flor” tem na sua certidão de idade o foral que o El-Rei D. Dinis lhe concedeu em 21 de maio de 1299, renovado pelo mesmo monarca em 24 de julho de 1314 e reformado pelo Rei D. Manuel, em 16 de julho de 1514.

Na cidade de Vila Nova de Foz-Coa atesta-se o fervor religioso na sua bonita Igreja Matriz, de fachada Manuelina, e nas muitas Capelas, como a de Santa Quitéria (que se pensa ter sido outrora uma sinagoga), a de São Pedro e Santa Bárbara, ou a barroca Capela de Santo António. Algumas casas senhoriais e brasonadas enriquecem o património arquitetónico da cidade, como a Casa dos Andrades. A Torre do Relógio, no sítio do Castelo, demonstra a arquitetura militar de outros tempos.

Visitar Foz-Coa é visitar o passado, ir ao encontro de um dos mais belos museus da Península Ibérica, (inaugurado em 30 de julho de 2010); visitar Foz-Coa é apreciar a sua gastronomia deliciosa. A gastronomia fozcoense é bastante apaladada e rica em pratos variados. O pão local é de agradável sabor, podendo ser de trigo ou de centeio. Este pão acompanha muito bem o queijo, o chouriço ou as azeitonas, produtos regionais de grande qualidade. O peixe do rio Douro e seus afluentes, a carne de porco, de cabrito ou de anho e a caça como o coelho, a lebre e a perdiz são pratos muito apreciados.

A fruta é variada no fim do verão, os pêssegos carnudos, os figos de mel, os melões deliciosos, as laranjas e as uvas. Todavia, são os frutos secos em especial a amêndoa que fornecem a matéria-prima para as especialidades culinárias mais requintadas: os doces de amêndoa, as súplicas, as lampreias de ovos e ainda os “coscorões”, os folares e as bolas toscas, livradas e picadas. O vinho generoso, mais conhecido pelo vinho do Porto, e os vinhos de consumo são de excelente qualidade. Destacamos aqui o famoso “Barca Velha”. O azeite da região é igualmente delicioso, regando os pratos da boa mesa fozcoense acompanhando os cozidos suculentos salteados com couves tenras, repolhos e grelos.

Vila Nova de Foz-Coa, fica situada nas entranhas do vale sagrado do rio Coa, rio que lhe deu o nome e que lhe permitiu atravessar a fronteira do anonimato e passar a ser reconhecida como um dos maiores centros arqueológicos de arte rupestre da

Europa. O rio Coa acorda com os sobressaltos e com os reboliços do Douro.

É no Douro que tudo acontece. O nosso Douro está na moda. Miguel Torga sentia que "...o Douro, Rio, e Região, são a realidade mais séria que temos (...). E é no mapa da pequenez que nos coube, a única evidência incomensurável com que podemos assombrar o mundo". Acrescentava Miguel Torga, que: "...O reino maravilhoso já não existe. Existem – em seu lugar – paisagens, declives, montanhas, enseadas junto do rio mais belo que conheço, esconderijos pelas colinas, florestas que resistem ao granizo do tempo. E existe a luz, a luz fantástica do Douro, a luz misteriosa das suas águas e da poeira que vai de uma margem a outra (...).

Fotografar tudo isto é um ato de coragem absoluta, porque supõe o desafio de aceitar essa herança de magia e transcendência que os nossos antepassados nos deixaram. O Douro é a terra de um génio ignorado, mantido em segredo e transformado em lenda: atravessamos por aí, nos caminhos do segredo e da lenda, outro vastíssimo desafio, que é o de não deixar desaparecer a própria magia do lugar. Olhemos para essas imagens. Olhemos para essas colinas, para os santuários perto dos cabeços das serras, para os miradouros sobre os cachões do rio, para os muros derrubados nos castelos – “são lugares sagrados” – (Viegas, 2007:146).

O Douro – rio que vem através dos séculos definindo o seu caminho, num caldeamento das margens, contribuindo para a ligação do Homem e da terra ao rio. Ao longo das escadarias dos socacos, nestas montanhas desmesuradas, aparecem testemunhos de civilizações e culturas diversas.

O sentir na “pele” deste micro clima de cariz mediterrâneo é ter duas estações no ano, invernias agrestes e infernos no verão que “enrugam” as faces mais desprotegidas, com os seus 50 graus. Sentir a região é “mastigar” visualmente uma paisagem em que as amendoeiras florescem e os campos se vestem de tonalidades rosas e brancas, por volta do mês de fevereiro/março. A vinha, os olivais, e as amendoeiras são pão, vinho e sustento para a maioria das pessoas que trabalham nestas terras xistosas.

Perante tal mundo, admirável e ao mesmo tempo tão esquecido, sentimos a necessidade constante de apoiar a nossa atuação num modelo individualizante, fechado, egocêntrico. Somos construtores de personalidades desconfiadas e por isso mesmo edificamo-las sob os patamares dos pensamentos incrédulos dos fozcoenses.

A missão do estado e da autoridade política, segundo S. Tomás de Aquino, "...consiste em orientar os cidadãos para o verdadeiro bem, seja, para uma vida virtuosa.". Para melhor e mais facilmente conseguir este fim, deve a autoridade prosseguir diversos fins particulares. Antes de mais, deve assegurar a paz, tarefa principal do Estado, criando e desenvolvendo condições económicas favoráveis ao bem-estar material dos seus súbditos.

Contrariamente a este princípio, acreditamos somente em nós, pois há muito que fomos abandonados, lutamos contra o isolamento e fez-se da emigração um *modus vivendi*, um ritual trágico, um destino fatal e inevitável. Aqueles que regressam, regressam com emoção, com nostalgia, mas não é definitivamente uma terra de oportunidades, e não é o que se quer para os filhos. Sobrevive-se. O conformismo irrompe sobre estas pessoas, que apesar de autênticas, dialogantes e abertas a tudo o que constitui a essência humana, permanecem estagnadas numa vida ilógica e inautêntica.

Dentro do contexto cultural

Com a transição do milénio, o património e as paisagens humanizadas do Douro foram classificadas pela UNESCO com o alto estatuto de Património da Humanidade a 2 de dezembro de 1998. A 14 de dezembro de 2001, a região vinhateira do Alto Douro (45°68' N, 5°93' W) foi colocada na lista dos locais que são Património da Humanidade, na categoria de paisagem cultural. Dois patrimónios culturais e tão naturais neste interior desprotegido.

Quando foram feitas as gravuras do Vale do Coa?



Gravuras rupestres do Vale do Coa

Foi muito discutida a atribuição das gravuras do Vale do Coa ao período Paleolítico. O Paleolítico superior, ou "Idade da Rena", é o período que se estende desde cerca de 38000 a. C. até 9000 a. C., em que o *Homo Sapiens Sapiens*, o nosso semelhante, apareceu na Europa. Dentro desse longo período distinguem-se várias culturas, identificáveis pelos vestígios materiais que deixaram. A cultura Chatelperronense acaba por volta de 28000 a. C., momento quando começa o Gravetense, que dura até cerca de 18000 a. C. Nesse momento acaba também a cultura Aurignacense, que começa por volta de 32000 a. C. A cultura Solutrense situa-se entre 18000 a. C. e 15000 a. C. e a Magdalenense dura de 15000 a. C. a 9000 a. C. As gravuras mais antigas conhecidas no Vale do Coa (até março de 1995) eram identificáveis com o período Solutrense médio antigo, ou seja, teriam sido feitas há mais ou menos 20000 anos.

É necessário, pois, fazer o devido enquadramento artístico dentro dos períodos cronológicos a que se reportam as gravuras de Foz-Coa. As gravuras abrangem o Paleolítico superior (28000 a 8000 a. C.) com representações de auroques, cabras e cavalos. O Neolítico e o Calcolítico (de 5500 a 2000 a.C.), com figurações de homens e veados, e a Idade do Ferro (1000 a. C.), com gravações de cavaleiros com lanças.

Foi neste contexto ancestral que as gentes de Foz-Coa verteram suor e lágrimas no Coa. Foi neste Coa que se arrancou o xisto das escarpas, se plantaram as cepas das videiras e se fez o vinho generoso, mais conhecido pelo mundo inteiro, como o vinho do Porto.

Numa mobilização cultural sem precedentes, milhares de pessoas, por todo o País, seguiram o apelo de uma escola, a nossa escola, os nossos alunos, os nossos jovens, a favor da preservação das gravuras em detrimento da construção de uma mega-barragem. Mega-barragem que iria submergir um património único no mundo. Jean Clottes, presidente do Comité de Arte Rupestre da UNESCO, afirmaria acerca desta estação paleolítica que "o Vale do Coa é a maior estação paleolítica ao ar livre da Europa, senão do mundo" (Silva, 1996).

Um santuário... ao ar livre

A descoberta no Vale do Coa de centenas, porventura, de milhares de gravuras, permite pensar hoje que a arte paleolítica terá tido inicialmente uma maior representação ao ar livre. Mais expostas

aos fenômenos naturais de degradação, as figurações ao ar livre estão hoje menos representadas do que as pinturas e gravuras em grutas. Em regiões como o Vale do Coa, onde as condições naturais foram mais favoráveis, a regra geral não se aplicou. Por outro lado, a distribuição das gravuras ao longo do rio numa extensão de quase duas dezenas de quilômetros permite-nos pensar que estamos perante um autêntico santuário ao ar livre. A exposição preferencial das gravuras a nascente e a associação dos animais ao rio, sugere uma veneração das águas do rio, que seria sagrado (Gomes, 1994: 4-9).



Gravura rupestre do Vale do Coa. Figuras sobrepostas – Penascosa

Mas, afinal do que estamos a falar?

As gravuras têm como suporte superfícies verticais de xisto, com exposição preferencial a nascente. A dimensão das gravuras oscila entre 15 cm e 180 cm, embora predominem as de 40-50 cm de extensão. As técnicas de gravação usadas são a picotagem e a abrasão, que por vezes coexistem, com a abrasão regularizando a picotagem. Os traços são largos, embora sejam por vezes acompanhados de uma grande quantidade de finos traços, que serviram de esboço ou complementavam os anteriores. Noutros casos, estes traços finos desenham formas dificilmente perceptíveis. Existem também gravuras preenchidas com traços múltiplos. Estas ditosas “pedras” representam essencialmente figuras animais, embora se conheça uma representação humana e outra abstrata. Os animais mais representados são os cavalos e os bovídeos (auroques). Exclusivos em certos núcleos, eles podem também coexistir com caprídeos e cervídeos. Os animais aparecem isolados ou em associação, constituindo autênticos painéis. As representações de animais podem sobrepor-se mais ou menos

densamente, como podem também estar bem individualizadas (Jorge; Jorge; Almeida; Sanches; Soeiro, 1981).

Por que é que são as gravuras tão importantes?

Até à década de 80, a arte do Paleolítico Superior só estava representada no território nacional pelas pinturas da gruta do Escoural (Montemor-o-Novo). Teve que esperar-se por 1981 para que fosse identificada a primeira estação de arte rupestre paleolítica ao ar livre, em Mazouco (Freixo de Espada-à-Cinta), a cerca de 25 km do Vale do Coa. Trata-se de uma gravura representando um cavalo com cerca de 62 cm de comprimento. O complexo do Vale do Coa é, portanto, a terceira estação de arte rupestre paleolítica conhecida em Portugal. Não estamos perante uma rocha com uma gravura isolada, mas sim centenas, talvez milhares, de gravuras distribuídas ao longo de um vale (Jorge; Jorge; Almeida; Sanches; Soeiro, 1981).

280 Grutas e só 5 estações ao ar livre

A importância do achado transcende o território nacional porque, se é verdade que conhecemos hoje cerca de 280 grutas com pinturas paleolíticas na Europa Ocidental, também é verdade que só foram identificadas até hoje quatro outras estações de arte rupestre paleolítica ao ar livre no mundo inteiro: Mazouco, que já citámos, Fornols-Haut (Campôme, França), Domingo Garcia (Segóvia, Espanha) e Siega Verde (Ciudad Rodrigo, Espanha), nas margens do Rio Águeda, a poucas dezenas de quilómetros do Vale do Coa (Jorge; Jorge; Almeida; Sanches; Soeiro, 1981).

O que existe no Coa não é, portanto, somente raro, é, de facto, quase único.

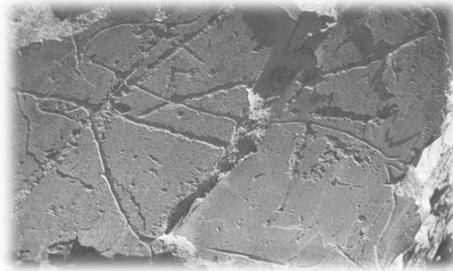
Explicar o valor científico das gravuras obriga-nos a fazer um rápido apanhado de mais de um século de investigação da arte paleolítica. Quando nasce a Pré-História como disciplina científica, no século passado, a imagem que se tinha do homem pré-histórico era a de um selvagem, vivendo próximo do estado "animal".

Desde meados do século passado, foram encontradas em camadas arqueológicas datadas do Paleolítico objetos com interesse artístico: estatuetas femininas e representando animais, gravuras sobre plaquinhas, de pedra ou osso, objetos de caráter utilitário decorados. De "semianimais", passou-se a considerar os homens do Paleolítico como seres capazes de produzir algo de estético. É em 1879 que Marcelino de Sanz de Sautuola descobre

as pinturas da Gruta de Altamira, em Espanha, atribuindo-as ao período paleolítico. A ideia encontra então uma grande resistência, à qual a grande beleza estética das pinturas não é estranha. Continuavam vivos os preconceitos da "bestialidade" do homem pré-histórico (Jorge, 1995).

Da "arte pela arte" à "arte mágica"

Há uma função ritual, mágica, que nos transporta para um outro mundo, para uma outra dimensão. A função antropológica confunde-se e muito com a função representativa e etnográfica. O Homem conjugou a arte paleolítica, com a forma representativa dos animais com que se alimentava, num ritual mágico que tinha por objetivo propiciar a caça e a reprodução dos próprios animais. A arte pela arte era vivida de uma forma intensa e possuía uma função puramente estética



Gravuras rupestres do Vale do Coa

Datação por Radiocarbono

O teste do Carbono-14, ou Radiocarbono, é um dos mais conhecidos métodos de datação de restos orgânicos, de origem animal ou vegetal: quando um animal ou uma planta morre, o C14 que ele contém começa o seu processo de desintegração; medindo a radioatividade residual de um achado obter-se-á, portanto, o número aproximado de anos decorridos desde a morte do vegetal ou do animal de que provém (UNE, 2011; O'Neill, 2011). O método utilizado pelos cientistas, para efetuar uma datação capaz de fornecer resultados fiáveis é através da *datação por Radiocarbono*. A sua aplicação implica um programa coerente de escavações arqueológicas em locais de habitat ou junto aos painéis gravados, que permitirá, com certeza, a descoberta de restos de matéria orgânica, condição *sine qua non* para datação por estes métodos (Leroi-Gourhan, 1964).

Início de um ciclo elíptico

Pensou-se que com estas descobertas um novo ciclo evolutivo tinha sido definido para Vila Nova de Foz-Coa. Contudo, o estado de esvaziamento, de rarefação e de crise social e económica a que chegaram as regiões ditas do «interior» (envelhecimento demográfico, abandono agrícola, défice empresarial, desemprego, desagregação económica e social, encravamento geográfico, descaracterização ambiental, pobreza, solidão) preenchem estatisticamente, através dos seus indicadores, os tabloides locais e nacionais. Com a primeira década do segundo milénio, surgiram muitos planos regionais integrados, políticas sectoriais, projetos de desenvolvimento endógeno, medidas sociais, etc., e que alterações e resultados significativos ocorreram entretanto? Que inversão de tendências de aprofundamento de assimetrias se reconheceram?

O «interior» é um mosaico muito diverso, com recursos e memórias diversas, e é nesse contexto que deve ser entendido. Não estamos, não queremos e não vamos estar numa situação de não retorno. Demograficamente, perdemos população ativa e jovens, o envelhecimento das populações, e os elevados índices de dependência são reais; perdemos coesão social, perdemos jovens mas não perdemos identidade cultural, força motivadora e acima de tudo vontade em ser Português.

Apesar de abalados e adormecidos nos paradigmas da equidade territorial e da política do Estado Providência, encaramos agora, qualquer explicação daqueles que nos governam como um ato voluntário, falhado e descrente.

Dentro da Fronteira do Desenvolvimento

Existe um grande número de estudos elaborados por diversas instituições e organismos relacionados com o desenvolvimento desta região específica (Trás-os-Montes e Alto Douro) bem como sobre a região transfronteiriça do Distrito de Bragança, Vila Nova de Foz-Coa e a região de Salamanca. A criação da Comunidade Territorial de Cooperação (CTC) Douro Superior – Província de Salamanca, em 2001, veio potenciar a cooperação transfronteiriça (formal e informal) já existente.

O desenvolvimento deste eixo intrarregional está acima de tudo condicionado pelas acessibilidades e pelas débeis redes viárias. Tendo por base o Índice de Desenvolvimento Económico (IDES), é importante salientar as dinâmicas do desenvolvimento do território dos concelhos do Distrito de Bragança+Vila Nova de Foz-Coa e as comarcas da província de Salamanca, da vizinha Espanha.

É inegável que o patamar do nível social em que Foz-Coa se encontra é sem dúvida o somatório de três áreas básicas, a educação, a habitação e a segurança social. Estes elementos tratam de avaliar, não só a dotação em diversos equipamentos existentes no concelho como também as acessibilidades.

A vida económico-social com impacto na qualidade ambiental dos recursos e do território, são elementos fundamentais na análise da qualidade de vida, como seja o caso da água e dos resíduos.

De uma forma resumida, apresentamos no Quadro 1 a posição de cada um dos indicadores do IDES nos concelhos e comarcas espanholas que se analisaram. Vila Nova de Foz-Coa, situa-se em 5.º lugar com um IDES de 0,5897 nas 21 posições possíveis, ou seja, bem acima do somatório do distrito de Bragança+Foz-Coa (0,4768) e da Província de Salamanca (0,5210).

Concelho/Comarca		IDES
1.	Salamanca	0,8884
2.	Bragança	0,7913
3.	Mirandela	0,6766
4.	Alba de Tormes	0,6253
5.	Vila Nova de Foz-Coa	0,5897
6.	Vila Flor	0,5521
7.	Miranda do Douro	0,5409
8.	Mogadouro	0,5198
9.	Peñaranda de Bracamonte	0,4846
10.	Ledesma	0,4733
11.	Macedo de Cavaleiros	0,4693
12.	La Sierra	0,4416
13.	Freixo de Espada-à-Cinta	0,4415
14.	Ciudad de Rodrigo	0,4310
15.	Fuentes de San Esteban	0,4173
16.	Alfândega da Fé	0,4012
17.	Torre de Moncorvo	0,3648
18.	Carraceda de Ansiães	0,3512
19.	Vimioso	0,3428
20.	Vitigudino	0,3345
21.	Vinhais	0,1574
22.	Distrito de Bragança + V. N. Foz-Coa	0,4768
23.	Província de Salamanca	0,5210
24.	Distrito de Bragança + V. N. Foz-Coa + Província de Salamanca	0,49

Quadro 1: IDES por Concelho – Portugal e Comarca – Espanha (Fonte: *Frontera y Desarrollo*, 2007: 54)

As representações verificadas confirmam que o desenvolvimento é um conceito multidimensional e que o conjunto

variado de indicadores possibilita análises substancialmente diversas.

Os “campus de oportunidades” estão aí, agora, é necessário porventura adotar o modelo instituído pela OCDE, modelo designado por Pressão – Estado – Resposta (PER-1979), para que se ultrapassem estas debilidades diagnosticadas (Frontera y Desarrollo, 2007: 50-54).

O Turismo dentro do contexto evolutivo

Foz-Coa é, de facto, um livro com muitas páginas e capítulos de natureza, história e arte que é necessário preservar para que o visitante possa descobrir e desfrutar. Seja bem-vindo! Esta poderia ser uma qualquer nota de rodapé ou um qualquer título sugestivo numa qualquer revista ou “blog” promocional do Douro. Se é certo que a globalização permite pensar e fundamentalmente acreditar em regiões ganhadoras, é admissível também reconhecer esta região como uma região que aposta na qualidade em detrimento da massificação estandardizada.

O conceito de «interior» precisa também de uma profunda revisão, de uma maioria urgente, de uma libertação de um complexo de inferioridade em relação ao litoral. É uma certeza não existir uma fatalidade cósmica pois, senão, como sobreviveriam as regiões metropolitanas de Madrid e de Paris?

Contudo, paralelamente a esta visão evolutiva, aceitamos pacificamente que a discussão do desenvolvimento do interior entre, assim, em rota de colisão com outras polémicas. A da regionalização administrativa, a do municipalismo, a do tratado da União Europeia, a do cumprimento dos critérios de convergência nominal, a da contenção da despesa e do investimento públicos, a da política agrícola comum, a da moeda única, etc. Passemos contudo da discussão pacífica aos atos.

É preciso acreditar na mobilização da sociedade civil, na concretização de projetos de desenvolvimento local, gorada que está a atração do investimento estrangeiro. É necessário repensar o reordenamento da arquitetura da administração pública e da territorialização das políticas para que a omnipresença do investimento público (do estado central e dos municípios) consiga mobilizar investimentos e sinergias empresariais privadas, abrindo portas a um turismo, seja ele rural, de habitação, ecológico, termal, desportivo, de congressos e tantos outros adjetivos.

Museu do Coa

É preciso acreditar no turismo, e tal como foi já referido anteriormente, uma das portas abertas ao mundo para um turismo sustentado e sustentável, é de facto o Museu do Coa. Conjugado com as gravuras rupestres, o Museu é um hino à realidade arquitetónica deste país. É necessário apoiar este projeto único para o país e para a preservação da memória da Humanidade. Um museu inserido nas entranhas das encostas do Douro e do Coa, com mais de 800 metros quadrados de área de exposição cultural, o Museu permite fazer uma viagem através da história e verificar o testemunho de diferentes homens e mulheres que deixaram a sua marca nas rochas, desde há cerca de 25000 anos até à contemporaneidade.



Museu do Coa

Este deve ser o conceito de desenvolvimento cultural adotado por nós, um conceito de desenvolvimento “endógeno”, do autêntico e do ecodesenvolvimento. Se o recuo demográfico, o envelhecimento, a fragilidade económica, o défice empresarial, a dependência excessiva face ao investimento e aos empregos públicos são uma realidade, deveremos então, combater estes pressupostos com um envolvimento dos jovens, provocando-os na sua massa crítica, energética, aventureira e pragmática. Fixá-los na sua terra natal é a maior dificuldade, mas é também um aliciente desafio.

É reconhecido por todos, hoje, que o turismo assente na vertente cultural, tem-se revelado promissora pois apresenta-se como uma atividade económica com alguma relevância em regiões deprimidas, como é o caso de grande parte do interior de Portugal. De uma exigência extrema, o litoral saturado procura o “diferente”, o “selvagem”, o “ancestral”. A combinação perfeita entre a paisagem

virgem e a evolução económica pode, todavia, trazer dissabores. A exemplificação desta situação poderá constatar-se na região do Vale do Tua, por força do Programa Nacional de Barragens com Elevado Potencial Hidroelétrico (PNBEPH), em torno do qual surgiram inúmeras controvérsias, ou mesmo aquando da decisão da construção do IP2 (Itinerário principal n.º 2) entre Bragança e Celorico da Beira. Os vinhedos e todas as outras riquezas subjacentes ao Património Cultural foram devassados. São no entanto, sinais dos tempos modernos.

As dinâmicas de empregabilidade nesta região não podem ser conjunturais, e os políticos têm de compreender que a mobilização política circunstancial não é um fim em si. Enquanto atividade económica organizada a atividade turística é recente e apresenta desde já considerável diversificação e segmentação. Nota-se neste sentido que as **gentes do Douro** partilham com os visitantes a calorosa convivialidade duriense, mas não só, partilha também os mais aprazíveis e tradicionais segredos da cozinha regional e doçaria conventual e as demais diversas culturas que marcam de forma indelével a maravilhosa paisagem.

Nas casas das Quintas do Douro (turismo em Espaço Rural), a hospitalidade dos anfitriões não lhes fica atrás; o afeto e a cordialidade com que recebem os visitantes são amiúde testemunhados pelo rubro cintilar dos cálices contendo o mais generoso dos néctares - o Vinho do Porto.

Conclusão

A viagem pelo “mundo Fozcoense” chegou ao fim. Uma viagem por uma região que tarda em despertar. Um trajeto delineado por um interior, que deveria ser um museu vivo e dinâmico, com tradições e valores que se desvelassem, mas que continua subjogado pela formas mais antípodas da política e pela surdez dos políticos, na satisfação das antigas e das novas necessidades sociais, desacreditando-o.

Toda esta incapacidade provoca uma ansiedade na procura de uma solução à espera de ser descoberta. As palavras têm sido mais que os atos, e estes, quando existem, são resultado do caráter empreendedor e aventureiro das nossas gentes. Mas viver no interior não é uma missão impossível, e muito menos uma fatalidade, pois a palavra interior é sinónimo de qualidade de vida.

Em Foz-Coa, o tempo teimosamente parece não querer passar e a pressa trilha os caminhos mais lentos da nostalgia. Urge

assim a necessidade de pisar novamente os lugares comuns, pois são esses que extravasam o sentimento da cultura popular. A cultura popular é um chão que, por ser tão pisado, quase não se vê. Há que redescobri-lo e valorizá-lo. O desenvolvimento de Vila Nova de Foz-Coa não pode alhear-se da redescoberta e da valorização da autêntica cultura popular, sob pena de tudo ser igual a tudo e nada ser diferente desse tudo. A cultura popular é a “riqueza imaterial” de um povo, a identidade de um povo, o denominador comum dos traços culturais das populações, na sua diversidade.

Um povo sem história é um povo sem memória. Foz-Coa não é só Douro, nem só Coa, pois tem um longo passado e uma longa história. Portadora de uma cultura individualizada e dinâmica, em que se apoia num passado invulgar, sofre as lutas do presente e vive na esperança de um futuro sempre melhor. O desenvolvimento destas comunidades do interior não pode deixar de respeitar os seus valores e deve harmonizar-se com as suas expectativas mais justas.

A Arte, seja ela qual for e na forma em que se exprimir, é uma nobre dimensão do Homem, a mais nobre em que ele se pode manifestar em qualquer momento da sua história.

A tradição ensina que as práticas e os valores espirituais se transmitem de geração em geração. Mas esta transmissão deve ser vista não como um passado enquanto marco, ou acontecimento que fica, mas como um fermento que prossegue, com continuidade fecundadora e energética.

Se cada vez que abordár-mos a perspetiva da Arte, Cultura, e Tradição em Vila Nova de Foz-Coa, constatarmos que estamos presos à fotografia do passado, não nos resta outra alternativa senão desenvolvermos esta nova perspetiva cinematográfica de futuro assente num desenvolvimento turístico de edificado nas raízes culturais de Vila Nova de Foz-Coa

Referências/ Bibliografia

Clottes, J. (1995). Palaeolithic petroglyphs at Foz-Coa, Portugal. *International Newsletter on Rock Art*, 10 (1995) 2.

Cruz, J.; Pregitzer, A.; Granja, M. (2005). *Património d'ouro: as paisagens culturais classificadas do Vale do Douro*. Porto: Em Relevo.

Freitas, M. B. da C. (2004). *O ser e o seres. Itinerários filosóficos*, 207-221. Lisboa: Editorial Verbo.

Frontera y Desarrollo (2007). *Frontera y Desarrollo/ Fronteira e Desenvolvimento*. Salamanca: Ediciones de la Diputación de Salamanca.

Gomes, M. V. (1994). Escoural et Mazouco. *Les Dossiers de l'Archéologie*, 198, novembro (1994) 4-9.

Jorge, S. O.; Jorge, V. O.; Almeida, C. A. F.; Sanches, M. J.; Soeiro, M. T. (1981). Gravuras rupestres de Mazouco. *Arqueologia*, 3 (1981) 3-12.

Jorge, V. O. (1995). Coa: Cosmos ou Caos? *Boletim da Universidade do Porto*, 25, 5, junho (1995) 5-10.

Leroi-Gourhan, A. (1964). *Les religions de la préhistoire*. Paris: PUF.

Melo, F. (1995). Coa: uma viagem no tempo. *Visão Cultura*, 143 (1995) 106-111.

O'Neill, D. (2011). Record of Time: An Introduction to the Nature of Fossils and Paleoanthropological Dating Methods. Chronometric Techniques – Part II. Consultado em 15/11/2011. Disponível em: http://anthro.palomar.edu/time/time_5.htm

Silva, A. J. M. (1996). A batalha do Coa. Consultado em 13/11/2011. Disponível em: <http://www.ci.uc.pt/fozcoa/batalha.html>

Tavares, H. (2000). Gravuras e Pedras que Falam – em prosa e em verso – Dos valores e das gentes de Vila Nova de Foz-Coa. Vila Nova de Foz-Coa: C. M. de Vila Nova de Foz-Coa/ Loja de ideias.

UNE (2011). Dating Rock Art. Consultado em 15/11/2011. Disponível em: <http://www.une.edu.au/archaeology/WorldRockArt/dating.php>

Viegas, F. J. (2007). Prefácio. In P. Magalhães, *Diário Douro*, 35-43. Lisboa: Edições Caixotim Artes e Letras.

Zilhão, J. (1993). Le passage du Paléolithique Moyen au Paléolithique Supérieur dans le Portugal. In V. Cabrera (Ed.), *El origen del hombre moderno en el Suroeste de Europa*, 127-145. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia.

¹ **Art, culture and tradition in Vila Nova de Foz-Coa**

² Licenciado.

Vice-Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz-Coa (Portugal).

Email: JPLucas66@gmail.com